

# Aspectos do paganismo no pensamento de Nietzsche\*

Leandro Pinkler

A noção de *paganismo* só pode ser definida a partir de sua oposição ao cristianismo, uma vez em que a palavra *pagani* foi utilizada pelos praticantes de tal religião não apenas para dar significado ao “não cristão”, mas, também, ao “não judeu”. E foi desta maneira que acabou, posteriormente, por ser aplicada ao conjunto das religiões indo-européias antigas – com todos os seus sincretismos. A noção pode, pois, referir-se tanto à antiguidade greco-latina como aos mitos celtas e germânicos presentes na obra de Wagner, e, do mesmo modo, as mais antigas tradições indo-iranianas. Há que se ter em vista tal distinção para poder sustentar que o paganismo tem, no pensamento de Nietzsche, duas referências essenciais: o deus Dioniso e o *Imperium Romanum*.

A obra do próprio Nietzsche marca um novo ciclo na revalorização da religião grega, algo que pode ser apreciado em muitas das visões do séc. XX como, por exemplo, a de W. Otto e K. Kerényi. Com efeito, quando Kerényi define a religião antiga como “uma religião da positividade do mundo” que pode ser reconhecida por seu “caráter festivo”, ele nada mais faz do que admitir, no discurso eru-

\* Tradução de Fernando de Moraes Barros.

dito, a afirmação de *O Anticristo* § 55 de acordo com a qual os “pagãos são todos aqueles que dizem sim à vida, para os quais ‘Deus’ é uma palavra para designar o grande Sim a todas as coisas...” (AC/AC, § 55) e a idéia presente em *Humano, demasiado humano* vol. 2, § 220 de que o verdadeiramente pagão é “a festa organizada para glorificar as paixões”. O testemunho da religiosidade pagã dá a conhecer ao homem ocidental o fato de que “existem formas *mais nobres* de se servir da ficção poética dos deuses, que não seja para essa crucificação e auto-degradação do homem”: os deuses dos homens gregos “valentes como leões” (cf. GM/GM, II, § 23). Desde *O nascimento da tragédia* acha-se presente, em Nietzsche, a idéia de que os deuses gregos são uma forma de agradecimento e glorificação da vida, sendo que é sob esta perspectiva que se produz o “descobrimento” do dionisíaco por parte do jovem Nietzsche – pois, com exceção de Burckhardt, os demais helenistas haviam obviado a importância de tal deus. Este, por sua vez, se expressa na certeza de que a capacidade para sofrer e gozar é exatamente a mesma, algo apto a situar a divindade para além do bem e do mal, algo totalmente diferente da “ridiculez de um Deus bom”, “esse deplorável Deus do monótono-teísmo cristão” (cf. AC/AC, § 19).

A presença do pagão na obra deste filósofo-filólogo é tão poderosa e constante que não pode ser interpretada como um mero aditivo ou motivo de inspiração. Trata-se, em nosso entender, de uma matriz de pensamento da qual derivam os núcleos fundamentais de seu pensamento. Tal é, pois, o caso do eterno retorno, que resulta de uma reformulação de antigas crenças indo-européias contrárias à concepção criacionista de cunho semítico. A ser assim, apresentamos sinteticamente as crenças básicas que articulam a *Weltanschauung* pagã (em oposição à cristã) a partir da perspectiva concebida por Nietzsche, isto é, em que as crenças não se medem por seu suposto grau de adequação ao real, senão por sua eficácia para a vida. Tal é a aceitação da vida, a positividade do mundo da concep-

ção pagã (contra o além-mundo cristão): os deuses gregos não são transcendentais, mas imanentes ao mundo e à natureza. Por isso mesmo, ela pode ser considerada uma religião *epifânica*, sendo que a palavra *epifania* – que significa “manifestação” – indica que uma divindade aparece viva e presente naquilo que há de mais concreto e cotidiano. Afrodite é o sexo, Hades a morte, Zeus é o céu, o pai, a lei. Poseidon não é o deus do mar, é, pura e simplesmente, o mar, com tudo o que este envolve e possui de numioso. Não há, desse modo, nada de sobrenatural entre os gregos; é, ao contrário, a natureza mesma, a *physis* que se mostra sagrada em todas as suas dimensões. Da mesma forma, em tal cultura não há sentido a pergunta pela crença em deus, pois os deuses estão, aqui, manifestos no próprio mundo. Seu equivalente não é “crer em deus”, mas “considerar os deuses” (*toús theóús nomízein*), o que significa lhes prestar atenção e cuidado na prática do culto. Nesse mesmo trilho, a palavra ateu (*átheos*) significa, em seu uso originário, “desprovido de deuses” e pretende indicar – por assim dizer – não que alguém não acredita nos deuses, senão que os deuses não acreditam em alguém.

Uma segunda oposição que se formula é a da Estética da existência contra a moralização de prêmios e castigos *post mortem*. A concepção – proposta em *O nascimento da tragédia* – de Apolo e Dioniso como *Kuntztriebe* revela o sentido pagão de que só esteticamente a existência está justificada, como o próprio Nietzsche expõe em seu comentário a tal obra: “ver a ciência com os olhos da arte e a arte com os olhos da vida” (cf. GT/NT, Ensaio de autocrítica). A estética da existência funda-se em uma atitude de aceitação inclemente da vida sem nenhum tipo de teleologia ou escatologia ou qualquer tipo de sentido moral. Não se trata de um mero hedonismo imediatista, mas de uma tarefa que faz da existência uma obra de arte. É-se chamado a tomar a própria vida e o próprio ser – de acordo com a metáfora reiterada – como o escultor toma uma pedra de mármore. Tal modo de viver resultará em algo contrário a

toda esperança de recompensação *post mortem*, constituindo, de maneira bem outra, a experiência mesma do eterno retorno, em que cada instante é o que é como presença atual. Por isso, Nietzsche afirmava com certa sorna e ironia – em *Ecce homo* – que sua mãe e sua irmã, as quais detestava, eram sua única objeção contra o eterno retorno. A vida só se justifica por si mesma sem a presença de qualquer adereço imaginário: nenhuma transcendência ou escatologia moralizante dá sentido à vida; resultam, ao contrário, em fonte do niilismo. Por outro lado, antes do cristianismo houve – segundo Nietzsche – outros modos de existência, quer dizer, que não necessitavam da criação de um “outro mundo”. Com efeito, nem o mito heróico nem a tragédia podem ser concebidos no contexto de uma escatologia de prêmios e castigos ou no quadro das crenças reencarnacionistas. Estas concepções são introduzidas no mundo helênico através do orfismo e foram consideradas por E. Rohde, o grande filólogo amigo de Nietzsche, como “um sangue estranho às veias da Grécia”. A crença na imortalidade da alma representou, pois, uma estranha novidade para os gregos, mas fora, no entanto, eternizada pelo platonismo, sendo a textualidade platônica a principal prova da introdução de tal crença e de um sistema de prêmios e castigos escatológicos, basta recordar – entre outros – os mitos que encerram o *Górgias* e *A República*. Por essas razões, o cristianismo constitui, para Nietzsche, “platonismo para o povo”, já que ele divulgará para todos a necessidade demencial de um outro mundo: seja ele o das idéias ou o Reino dos céus, pouco importa a Nietzsche. O filósofo interpreta-o, em ambos os casos, como um desprezo pela efetividade. As esplendorosas figuras dos deuses olímpicos, por outro lado, situam-se para além do bem e do mal: “quem busca neles altura ética, austeridade, espiritualidade incorpórea, terá, de imediato, que lhes dar às costas, desgostado...” (cf. GT/NT, § 4).

Em terceiro lugar, como um outro modo de formular a mesma crítica, Nietzsche opõe os valores afirmadores da vida consoantes à

cultura greco-latina (contra os valores imaginários da civilização cristã). A oposição é, em tais termos, algo simples: o que é bom para os gregos é mal para os cristãos, o que é bom para os cristãos é mal para os gregos; devido a essa transmutação de todos os valores desenvolveu-se, pois, o cristianismo como decadência dos valores nobres caídos nas mãos da canalha – a *décadence*. Ou, em termos paradoxais já expressados em *O nascimento da tragédia*: os valores afirmadores da vida que supõem uma instintividade forte e gozadora se articulam em um Pessimismo, enquanto os negadores, surgidos de uma corporeidade raquítica, se enunciam em um Otimismo. Isto é exemplificado claramente no fato de que a esperança é um mal para os gregos (cf. *Humano, demasiado humano*) e uma virtude para os cristãos (algo já antecipado pelo otimismo do homem teórico, sócrático). Tudo no cristianismo resulta de uma relação de seres imaginários (Deus, alma) com causas imaginárias (pecado) e conseqüências imaginárias (redenção, inferno) – (cf. AC/AC, § 15). Esta atitude de negação dos valores efetivos, os quais tornam a vida digna e gozosa, decorre de uma sorte de raquitismo e esgotamento dos seres humanos produzidos pelo poder dos sacerdotes na “educação” da humanidade (tese desenvolvida de ponta a ponta em *Para a genealogia da moral*).

Deriva-se, como conseqüência disso, a última oposição que contamos apresentar: erotismo e cultivo do corpo (contra a castidade, o pecado e o desprezo da sexualidade). Segundo um aforismo de *Para além de bem e mal*, o cristianismo deu a Eros veneno para beber e este não morreu, mas degenerou em vício. Enquanto a sexualidade representa algo sagrado para o mundo da cultura antiga, tal como as figuras de Eros e Afrodite entre os deuses gregos, Nietzsche enfatiza o caráter morboso que adquirem estes aspectos essenciais da vida na ótica cristã. Em *Aurora* § 76, ele indica que “um modo de pensar malvado torna malvadas as paixões”, isto é, que a visão perversa que se arremessou sobre a sexualidade fez de Eros e

Afrodite demônios do mal. A condenação com que ele finaliza *O Anticristo* é, nesse sentido, particularmente eloqüente: “Todo desprezo da vida sexual (...) constitui o autêntico pecado contra o espírito santo da vida” (AC, Lei contra o cristianismo).

Todas as qualidades do mundo pagão estão condensadas no símbolo do deus Dioniso ao qual Nietzsche aludirá ao largo de toda a sua vida; o mesmo deus que, à maneira de Shiva na Índia, dança eternamente nos ciclos do cosmo e constitui a representação mitológica do eterno retorno, como o coro de Sátiros presente em *O nascimento da tragédia* que baila constantemente marcando os limites de nossa mentira civilizada. Mas, como antecipamos, o outro referencial que igualmente representa o paganismo em sua realização histórica é o Império Romano, o qual Nietzsche admirou como a encarnação da vontade de potência, indo, assim, de encontro à concepção de sua época – re-instaurada por Hollywood – que fez do Império o símbolo de um despotismo decadente. A esse propósito, lemos em *Para a genealogia da moral* II §16: “não houve sobre a terra homens mais fortes e mais nobres”; surge, neste texto, a formulação do conflito fundador do Ocidente que será, por sua vez, continuado na obra de O. Spengler: toda a história do Ocidente pode ser sintetizada na fórmula “Roma contra Judéia, Judéia contra Roma” e fica claro quem ganhou – adverte o filósofo um pouco mais adiante – apenas observando perante a quem se ajoelha a Europa. Ora, há que se recordar que Nietzsche estima o mundo latino mais que o grego em muitos aspectos concretos e estéticos – ama Horácio e despreza Platão (cf. GD/CI, “O que devo aos antigos”). Desta mesma perspectiva, Nietzsche se lamenta duramente: “O trabalho inteiro do mundo antigo em vão, não tenho palavra que expresse o que sinto ante um fato tão monstruoso...” (AC/AC, § 59).

Com a morte de Pan da qual fala Plutarco, o fim do paganismo marcará um certo pranto da natureza: o fim das celebrações dos Mistérios, o fechamento das escolas filosóficas, a destruição da bi-

biblioteca alexandrina de Serapião, a perseguição do corpo de Afrodite, os esquecimento dos valores guerreiros.

A alta valoração do paganismo na obra de Nietzsche não responde a uma idealização do passado, mas a uma crítica ativa da cultura que hoje precisa ser atualizada e reformulada, enquanto a Antigüidade continua representando um momento em que o ser humano, sempre disposto a criar ficções, abraçou a riqueza do mundo efetivo desenvolvendo uma visão de mundo afirmadora da vida em seus diversos aspectos. Visão propícia para a superação de si mesmo, tal como indica a fórmula do evangelho de Nietzsche, as palavras de Zaratustra: “Só o querer os tornará livres”.

